

EM OSLO

# RECORDANDO MONDLANE

por Carlos Cardoso, da AIM

N. 24/1/86

**Abdul Minty, Presidente da Campanha Mundial contra a colaboração militar e nuclear com a África do Sul, é um homem cheio de memórias. A sua qualidade de sul-africano no exílio há mais de 20 anos, envolvido em inúmeras batalhas diplomáticas pelo isolamento internacional do Governo de Pretória, puseram-no em contacto com incontáveis passagens das diferentes lutas dos povos da África Austral.**

Uma dessas passagens remonta a 1965. O então Presidente da FRELIMO, Eduardo Chivambo Mondlane, tinha-se deslocado à Noruega para mobilizar apoios à luta dos moçambicanos incluindo apoio em armas. Minty sorri, já nessa altura havia que ser realista quanto a esta questão. Nem a Noruega nem qualquer País ocidental, aliado ou não de Portugal, iria fornecer apoio militar à FRELIMO. E o mesmo sucede hoje em relação à luta do ANC. É a lógica dolorosa da contradição entre a moral da solidariedade e os interesses de ordem estratégica.

Abdul Minty lembra-se que Mondlane teve um encontro com Thorvald Stoltenberg, do Departamento Internacional da Central Sindical L. O.

«Tive uma reunião com Thorvald logo a seguir ao encontro dele com Eduardo Mondlane. O que Stoltenberg me disse sobre esse encontro foi mais ou menos isto: Mondlane havia-lhe dito que a FRELIMO tinha concluído que sem a luta armada Moçambique nunca seria libertado e que, sendo a Noruega contra o fascismo e o colonialismo português, então fazia sentido o apoio em armas à FRELIMO».

«Várias pessoas nesse encontro», prossegue Minty «riram-se do pedido de Mondlane. Mas alguma coisa ficou. Em 1976 havia fortes pressões na Noruega para uma acção forte contra Angola por causa da presença de tropas cubanas lá. Nessa altura,

Thorvald fez um discurso importante condenando qualquer acção contra Angola, dizendo: «Olhem, essa gente (angolanos, moçambicanos, guineenses) vieram ter connosco há muito tempo pedindo-nos armas e só depois de lhas termos negado é que foram pedir auxílio aos países socialistas». Aquele discurso teve algum impacto.

Em Oslo há outras pessoas que se recordam de Mondlane. Uma delas é o ex-jornalista Halle Jorn Hansen, hoje director de Informação da NORAD, a Agência Norueguesa para o Desenvolvimento.

«Eduardo veio a Oslo em 1965, no meio de um Verão muito «quente», em termos políticos. Veio a convite do Conselho da Juventude Norueguesa, então chamado Comité Internacional para a Cooperação Internacional entre os Jovens. Veio falar da luta do povo moçambicano e reunir-se com os nossos políticos. Recordo-me de um aspecto particular: Eduardo estava alegre e transmitia muita autoconfiança. Nessa altura, ele falava regularmente dos seus contactos com os americanos, particularmente com a família Kennedy, e tinha muita esperança no que os democratas americanos poderiam fazer enquanto estivessem no poder nos EUA. Ele acreditava que o Governo americano pressionaria o Governo português a incluir Moçambique na onda dos «ventos de mudança» que sopravam por África. Ainda acreditava que a luta não teria que ser muito longa e que uma solução política poderia ser encontrada.

Foi esta a impressão que deixou nessa altura».

Hansen, de 47 anos hoje, fazia parte desse Conselho da Juventude e encontrou-se algumas vezes com Mondlane. Acentua esse aspecto: «Eduardo ainda tinha confiança na sinceridade do Ocidente progressista. Mas as coisas tinham mudado radicalmente quando o voltei a ver, em 1968. O seu tom era outro».

Mondlane voltou a Oslo em 1968, como convidado oficial do Conselho da Juventude.

«Num discurso que pronunciou para o Conselho, Eduardo disse: «A FRELIMO foi traída». O que ele nos disse foi mais ou menos isto: quando o Ocidente, progressista falava de solução pacífica não queria realmente uma solução pacífica, não havia sinceridade. Em suma: a lição aprendida pela FRELIMO era a de que a luta armada teria de continuar, que muitas vidas seriam perdidas e que a FRELIMO tinha sido forçada a pedir ajuda militar ao Leste europeu. Eduardo transmitia algum azedume na sua crítica ao Ocidente, mas mais uma vez pediu apoio ao Governo norueguês».

A Noruega manteve a sua posição de não apoiar os movimentos de libertação em armas mas, afirma Hansen, alguma coisa mudou após a visita de Mondlane em 68.

«Penso que a visita dele contribuiu para o desencadeamento de um processo muito importante na Noruega e, em particular, dentro do Gover-

no norueguês. Nessa altura havia um Governo de coligação de centro-direita com Jonlyng, um conservador, como Ministro dos Negócios Estrangeiros. Ele era um político de talento excepcional e de grande sabedoria. Foi ele que conseguiu o apoio do Governo a uma decisão que produziu o primeiro apoio financeiro à FRELIMO, abrindo assim caminho para a aplicação do princípio de que os movimentos de libertação da África Austral devem receber apoio da Noruega».

Em 1968, Halle Jorn Hansen era o Presidente do Conselho da Juventude. Ele lembra-se de um episódio relacionado com a visita de Mondlane nesse ano.

«Quando saímos desse encontro do Conselho em que Mondlane criticara o Ocidente, convidou-me a ir comigo a pé até ao hotel.

Ele mostrou-se surpreendido: «queres que vá contigo a pé pelas ruas de Oslo?». Disse-lhe que sim, que estava uma noite amena e poderíamos ir falando pelo caminho. Então ele perguntou-me: «Não sabes que a PIDE anda atrás de mim constantemente para me matar?». Eu respondi que não, e seria a melhor das decisões a PIDE matá-lo nas ruas de Oslo. Discutimos a questão durante algum tempo e ele acabou por concordar em irmos a pé até ao hotel. Fiquei incomodado com essa conversa. Eu era jovem nessa altura e nunca me tinha passado pela cabeça que alguém pudesse matar o Presidente de um movimento de libertação nas ruas de Oslo. Alguns meses mais tarde recebida a notícia de que a PIDE o tinham assassinado em Dar-es-Salaam».